

a CONVERSAÇÃO EM REDE

comunicação **MEDIADA** pelo
computador e redes sociais na Internet

CONSELHO EDITORIAL
DA COLEÇÃO CIBERCULTURA

Adriana Amaral
André Lemos
Alex Primo
Clóvis Barros Filho
Denize Araújo
Erick Felinto
Francisco Menezes
Juremir Machado da Silva
Luis Gomes
Paula Sibilía
Raquel Recuero
Simone Pereira de Sá
Vinicius Andrade Pereira

**CIBER
CULTURA**

a CONVERSÃO EM REDE

comunicação **MEDIADA** pelo
computador e redes sociais na Internet

Raquel Recuero



Editora Sulina

© Raquel Recuero, 2012.

Capa:
Eduardo Miotto

Editoração:
Vânia Möller

Revisão:
Gabriela Koza

Revisão gráfica:
Miriam Gress

Editor:
Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

R311c Recuero, Raquel.
A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e
redes sociais na Internet / Raquel Recuero – Porto Alegre: Sulina,
2012.
238 p. (Coleção Cibercultura)

ISBN: 978-85-205-0650-9

1. Comunicação Digital. 2. Internet. 3. Cibercultura. 4. Redes Sociais.
5. Conversação. I. Título

CDD: 302.2
303.483
CDU: 316.77

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (0xx51) 3311-4082
Fax:(0xx51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Maio/2012}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

AGRADECIMENTOS

A Emilia e Ricardo, que suportaram a ausência que a produção deste livro envolveu durante 2011. Aos amigos e colegas Gabriela Zago e Jandré Batista pelos valiosos comentários e críticas. A Ana Maria Portella Montardo pela maravilhosa e cuidadosa revisão linguística e estilística.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	15
1 COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR E CONVERSAÇÃO	21
1.1 A conversação como apropriação no ciberespaço	27
1.2 Características da conversação mediada pelo computador	37
1.2.1 O ambiente da conversação	40
1.2.2 Escrita “oralizada”	45
1.2.3 Unidade temporal elástica: os tipos de conversação mediada	49
1.2.4 Públicas e privadas: os tipos de conversação mediada	56
1.2.5 A representação da presença	58
1.2.6 Migração e multimodalidade	60
2 A ORGANIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR	65
2.1 Turnos e pares	66
2.2 Rituais da conversação mediada pelo computador	74
2.3 A noção de polidez	86
3 O CONTEXTO NA CONVERSAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR	95
3.1 Microcontexto e macrocontexto	100
3.2 A construção dos contextos	104
3.3 A recuperação do contexto	113
3.4 A negociação do contexto	117

4 A CONVERSAÇÃO EM REDE	121
4.1 Problematizando a conversação em rede	123
4.1.1 Redes sociais na Internet e sites de rede social ...	127
4.1.2 O capital social e as redes sociais na Internet	134
4.2 Os processos da conversação em rede	138
4.2.1 Perfis como conversações	139
4.2.2 As conexões e a conversação	143
4.3 O problema do contexto	146
4.3.1 O público e o privado nas conversações online ...	146
4.3.2 A visibilidade na conversação	152
4.3.3 Multimodalidade, migração e multiconversação	155
4.3.4 Capital social e a polidez nas redes sociais	160
5 ESTUDANDO A CONVERSAÇÃO EM REDE	171
5.1 Mapas de conversação em rede	173
5.1.1 A análise de redes sociais e a conversação	174
5.1.2 Caso 1: #GTCiber	177
5.1.3 Caso 2: #BeloMonte	187
5.1.4 Conversações em torno de acontecimentos: casos Amy Winehouse e Oslo	195
5.2 Efeitos e impactos da conversação em rede	201
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FENÔMENO DA CONVERSAÇÃO EM REDE	215
ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS	221
REFERÊNCIAS	223

APRESENTAÇÃO

A conversa é uma prática de linguagem genuinamente cotidiana, pois, todos os dias, conversamos uns com os outros, respondendo, contestando, concordando, opinando. A conversação, portanto, realiza-se de muitas formas e maneiras, graças a sua relação com o contexto imediato. Nesse sentido, como já assinalaram Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), a conversação é o gênero mais básico da interação humana e, por isso, foi considerado por esses autores como a *pedra sociológica fundamental* da interação entre os homens. Nessa mesma direção, nos anos 20 do século passado, Bakhtin ([1953] 2000) já analisava a conversa como sendo um dos gêneros primários mais ligados às esferas do discurso cotidiano. A conversa, segundo este pensador russo, não apenas está associada às necessidades cotidianas das pessoas como também é um gênero fundamental para a constituição de outros que Bakhtin denominava de secundários, como o romance, por exemplo.

Se a conversação é o gênero mais básico e mais primário da interação humana, é importante olharmos

para ela como um gênero basilar o qual é afetado por seu contexto imediato e pelas tecnologias que sustentam, registram e atualizam as reelaborações pelas quais passam esse gênero. Afinal, “uma tecnologia projeta estratégias de textualização, gera um novo gênero e subverte, até certo ponto, cânones bem estabelecidos no processo de construção social” (Marcuschi, 2000, p. 10).

É exatamente nessa direção que Raquel Recuero traz à lume o seu novo livro: *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Neste trabalho, Recuero mostra com acuidade acadêmica que as ferramentas computacionais há muito deixaram de ser apenas isso: ferramentas. Elas evoluíram para serem “espaços conversacionais” importantes, já que os usos que fazemos delas reelaboram a conversa e esta passa a ter outras feições. Em função disso, partindo de uma problematização do conceito de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), Recuero oferece um exercício de sistematização dos usos sociais do computador e de outros artefatos digitais que permitem a prática do gênero mais antigo da humanidade: a conversação.

Nessa empreitada, teorias da Pragmática Linguística, como a Sociolinguística Interacional e a Análise da Conversa, são convocadas pela autora para explicar o conceito de conversação, o qual é delineado como “um processo organizado, negociado pelos atores, que segue determinados rituais culturais e que faz parte dos processos de interação social”. Nesse sentido, por ter base epistemológica no interacionismo simbólico, Recuero propõe que a conversação virtual seja entendida como um caso de apropriação, isto é, “as ferramentas da

CMC são apropriadas com caráter conversacional pelos usuários”. Logo, o conceito de apropriação é muito bem construído no primeiro capítulo do livro.

Por meio dessa discussão, o leitor compreenderá, por exemplo, que algumas idiossincrasias da conversação na web resultam muito menos da determinação das ferramentas computacionais e muito mais dos usos que as pessoas fazem delas. E quais seriam as características dessa apropriação? Qual o papel do ambiente no processo de apropriação? Como explicar o fenômeno da oralição da escrita que emerge das conversações digitais? Quais os tipos de conversa que emergem da apropriação? Como as presenças dos interagentes são representadas pelos que praticam a conversação na web? E como a multimodalidade e a migração afetam as conversas digitais? Essas questões são bem discutidas no primeiro capítulo, o qual oferece sólidas reflexões acerca das características da Comunicação Mediada pelo Computador.

Após essa caracterização, somos conduzidos pela autora, no segundo capítulo, por meio da seguinte proposição: se a conversação é um evento organizado com uma sintaxe que lhe é própria, então podemos nos perguntar se essa organização se manifesta de outro modo quando lidamos com a conversa em rede. Nesse sentido, Recuero discute ainda sobre a organização da conversa em ambientes digitais e, para isso, retoma as noções de turno e de pares, flagra rituais da conversação em rede e conclui o capítulo do livro discutindo a noção de polidez linguística, pois, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 77), a polidez evidencia “os aspectos do discurso que são regidos por regras cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal”.

Dando prosseguimento e contorno à discussão sobre a organização da conversa nos ambientes digitais, a autora nos fala acerca da relevância do contexto para a conversação mediada pelo computador. A noção de contexto, entretanto, não é simples e, por isso, Recuero a problematiza no terceiro capítulo, oferecendo ao leitor um leque de discussões que tratam do Microcontexto e Macrocontexto. A discussão sobre o contexto é relevante porque, conforme salienta Recuero, ele não é algo dado e/ou estanque. Pelo contrário, por ser essencial à organização da conversação, os contextos não apenas definem os rumos da interação como também convocam e provocam os interagentes a se engajarem em um exercício mútuo e constante de (re)construção, recuperação e negociação dos contextos de suas conversas.

No quarto capítulo, *A conversação em rede*, encontramos uma importante contribuição para quem se interessa pelo estudo das redes sociais, já que Recuero ajusta sua lupa para examinar as características específicas das conversações nas redes sociais na Internet. Cuidadosamente, a metáfora da *rede* é apresentada e discutida neste capítulo para, na sequência, dar realce à importante noção de capital social para a conversação em rede. Toda essa reflexão é feita à luz de dados empíricos, que sustentam a discussão teórica proposta pela autora, o que a torna mais vigorosa do ponto de vista acadêmico.

Próximo à conclusão do livro, Recuero apresenta o capítulo *Estudando a Conversação em Rede* o qual mostra a Análise de Redes Sociais como sendo uma relevante alternativa teórico-metodológica para o estudo da conversa em rede sociais. Com base nessa perspectiva, as análises feitas por Recuero põem em cena diversos

mapas de conversação em rede, os quais evidenciam alguns efeitos e impactos da conversação, salientando seus aspectos estruturais e semânticos. Nesse sentido, a alternativa teórico-metodológica se mostra produtiva devido ao fato de que o objeto de estudo – conversa em rede – é complexo, portanto estudá-lo sob apenas um viés seria depauperar a análise.

Com base nessa sumária apresentação, é possível afirmar que este livro tem mérito acadêmico não apenas por ser muito bem escrito, mas também por reunir elementos que certamente despertarão o interesse amplo de pesquisadores da área de Linguística Aplicada, da Comunicação Social e de outras áreas afins. Isso se justifica na medida em que oferece contribuições teóricas, metodológicas e empíricas para que se entenda melhor a conversa em rede à luz da Pragmática Linguística e da Análise de Redes Sociais. Graças aos distintos fios teóricos que o tecem, o livro mostra com lucidez que a conversação em rede não é somente aquela conversa tão antiga quanto a linguagem, mas, no contexto das ferramentas digitais, ela é uma “conversação emergente” que, em função dos usos das ferramentas computacionais, passa por vários processos de reelaborações. Como bem conclui Recuero, “o ponto fundamental é aquele onde essa conversação reconstrói práticas do dia a dia, mas que, no impacto da mediação, amplifica-se e traz novos desafios para a compreensão de seus impactos nos atores sociais”.

Prof. Dr. Júlio Araújo
Docente do Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal do Ceará.
Fortaleza – CE, janeiro de 2012.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais Emergentes no Contexto da Tecnologia Digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, 50 (4), p. 696-735, 1974.